

A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS



**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2020

A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS



**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D618 A diversidade e as questões políticas, históricas e culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86002-67-6

DOI 10.22533/at.ed.676202003

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Mudanças tecnológicas no século XXI fronteiras se aproximam por meio do mundo virtual, com elas intensificam migrações, as desigualdades, a globalização capitalista, os fundamentalismos, a luta pela terra e pela igualdade de direitos assumem outros formatos. Com ela transformam as formas de resistência com novas estratégias para um acelerada exploração capitalista, enfrentamento ao racismo, ao machismo, xenofobia, à LGBTIfobia, fundamentalismo político e religioso, à intolerância religiosa se intensificam pelos diferentes espaços do mundo. Fronteiras são quebradas e passagens são rompidas por uma vida cibernética, mudam se as relações das pessoas, os negócios entre os países, ideologias, posicionamentos políticos e governos. Circularam e aproximaram novos olhares sobre o mundo, conceitos, preconceitos, sustentabilidade. Aproximaram e fizeram circular visões de mundo, valores, sujeitos, conceitos, preconceitos, visões sobre o meio ambiente, sobre a sustentabilidade. Vários foram os motivos que o foco mudou, sujeitos sociais passam buscar o seu lugar de fala, seu protagonismo social e político, organizados ou não em movimentos sociais. E quando se organizam, estão vinculados àqueles que levantam bandeiras emancipatórias de gênero, raça, idade, deficiência. Esse conceito de emancipação versa em uma articulação de perspectivas que combinam desde a visão democrática-igualitarista de sociedade, a uma visão socialista e, até mesmo, políticas públicas para a diversidade.

Aprofundar o debate sobre sexualidade e gênero na sala de aula contribui para uma educação mais inclusiva, equitativa e de qualidade. É o que diz comunicado divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil. No texto, a Unesco propõe que a legislação e os planos educacionais brasileiros incorporem perspectivas de educação em sexualidade e gênero. De acordo com o comunicado, isso se torna ainda mais importante porque a educação é compreendida como processo de formar “cidadãos que respeitem as várias dimensões humanas e sociais sem preconceitos e discriminações”. De acordo a Unesco, o ensino de gênero nas escolas é primordial para prevenir e extirpar toda e qualquer forma de violência, em especial a violência de gênero. “Diante de recentes fatos ocorridos no país, no que se refere à violência sexual, a Unesco no Brasil reafirma seu compromisso com a garantia dos direitos das mulheres e da população LGBT [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros], sendo contrária a toda forma de discriminação e violação dos direitos humanos em qualquer circunstância e, em especial, em espaços educativo.” O assunto é polêmico e alvo de embates entre entidades ligadas a direitos humanos e grupos religiosos, que alegam, entre outros argumentos, que o debate de gênero incentiva a homossexualidade. A questão chegou a ser excluída do Plano Nacional de Educação (PNE) por pressão de parlamentares conservadores, e de planos estaduais e municipais de educação. Os planos definem metas e estratégias para a educação desde o ensino infantil até a pós-

graduação e tratam também da formação de professores e financiamento do setor. As metas devem ser cumpridas até 2024. Para a Unesco, debater essas questões em sala de aula é fundamental para que homens e mulheres, meninos e meninas tenham os mesmos direitos. A intenção é que as escolas ensinem aos estudantes que todas as pessoas são iguais, independentemente da identidade de gênero, e que existem diversas orientações sexuais, que devem ser respeitadas. “As desigualdades de gênero, muitas vezes evidenciadas pela violência sexual contra meninas, expõem a necessidade de salvaguardar marcos legais e políticos nacionais, assim como tratados internacionais, no que se refere à educação em sexualidade e de gênero no sistema de ensino do país”, diz a agência das Nações Unidas. Um dos compromissos dos países-membros da Organização das Nações Unidas é garantir o cumprimento da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada pelo Brasil e todos os outros Estados-membros da ONU em 2015. Entre os 17 objetivos globais da agenda, está a garantia de ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes, e a promoção da educação para a igualdade de gênero e os direitos humanos. Em março, a Unesco divulgou o Atlas de Desigualdade de Gênero na Educação, que mostra que, no mundo, quase 16 milhões de meninas entre 6 e 11 anos nunca irão à escola. O número é duas vezes maior que o de meninos. Entre eles, no mundo, 8 milhões nunca frequentarão as salas de aula.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões sobre o lugar do pesquisador e da pesquisa na produção em A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GÊNERO E PRISÃO: OS IMPACTOS DO SISTEMA PRISIONAL SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E INVISIBILIDADE DA MULHER ENCARCERADA NO ESTADO DE ALAGOAS	
Bruna Araújo de Melo Ferreira Ialy Virgínia de Melo Baía	
DOI 10.22533/at.ed.6762020031	
CAPÍTULO 2	16
GÊNERO, CIDADANIA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS MOTORISTAS BRASILEIROS	
Carla Rezende Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.6762020032	
CAPÍTULO 3	27
CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS E SUA INFLUÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS SORODIFERENTES PARA O HIV/AIDS	
Celestino José Mendes Galvão Neto Juliana Rodrigues de Albuquerque Ana Alayde Werba Saldanha	
DOI 10.22533/at.ed.6762020033	
CAPÍTULO 4	38
A VIOLÊNCIA E SUAS DIFERENTES FORMAS	
Gustavo Nogueira Dias Wagner Davy Lucas Barreto Gilberto Emanuel Reis Vogado Eldilene da Silva Barbosa Natanael Freitas Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.6762020034	
CAPÍTULO 5	48
O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro Célio Marcos Colombo Molteni depois de Paulo Melissa Camilo Débora Cristina Machado Cornélio Valquiria Nicola Bandeira Marilurdes Cruz Borges Fernando Sabchuk Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.6762020035	
CAPÍTULO 6	67
MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO(S): DIÁLOGO INTRODUTÓRIO ENTRE SIMMEL E TEORIA QUEER	
Adriana Nolibos Baccin	
DOI 10.22533/at.ed.6762020036	

CAPÍTULO 7	79
MULHERES À MARGEM DA MATERNIDADE NA LITERATURA NEGRA	
Fernanda Mota Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6762020037	
CAPÍTULO 8	89
PRODUÇÃO LEGISLATIVA FEMININA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS DA 55ª LEGISLATURA (2015-2018)	
Jonas Modesto de Abreu	
Daliila Rodrigues Barros	
Leonardo Aires de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6762020038	
CAPÍTULO 9	100
MORRO DA CONCEIÇÃO: HISTÓRIA DE FÉ E CULTURA QUE SE ENTRELAÇA NO SUBÚRBIO DA CIDADE	
Lucy Patrícia da Silva de Farias	
Severino Barbosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6762020039	
CAPÍTULO 10	112
REPRESENTAÇÃO DE MINORIAS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS NA 56ª LEGISLATURA (2019-2022)	
Jonas Modesto de Abreu	
Bruno Henrique Martins de Almeida	
Leonardo Aires de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.67620200310	
CAPÍTULO 11	129
RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO: AS MULHERES NA LUTA PELO DIREITO À CIDADE EM SÃO PAULO	
Natália Yukari Mano	
DOI 10.22533/at.ed.67620200311	
CAPÍTULO 12	140
SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DAS ESCOLAS MINEIRAS: ENFOQUES LEGAIS SOBRE AS ATRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES	
Aline Claudino de Castro	
Débora Felício Faria	
DOI 10.22533/at.ed.67620200312	
CAPÍTULO 13	152
TRANSVESTIGENES CONTRA O ESTADO	
Beatriz Souza de Araujo	
Dhiego Felipe Pereira Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.67620200313	
CAPÍTULO 14	186
SEXUALIDADES E TRAMAS NARRATIVAS, UM MERGULHO COM ARTISTA LEONILSON	
Karlene da Silva Andrade	
Juliana Silva Chagas	
DOI 10.22533/at.ed.67620200314	

SOBRE A ORGANIZADORA..... 195

ÍNDICE REMISSIVO 196

SEXUALIDADES E TRAMAS NARRATIVAS, UM MERGULHO COM ARTISTA LEONILSON

Data de aceite: 17/03/2020

Data de submissão: 28/11/2019

Karlene da Silva Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)
Fortaleza - Ceará
<http://lattes.cnpq.br/1240644178554595>

Juliana Silva Chagas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)
Fortaleza - Ceará
<http://lattes.cnpq.br/6562463621141731>

RESUMO: O respectivo trabalho traz, a partir de uma abordagem socioantropológica, histórica e política, as narrativas presentes na obra do artista plástico Leonilson, pintor, desenhista e escultor, que nasceu em Fortaleza, no Ceará, e habitou no mundo. Suas obras autobiográficas atravessam a temporalidade, por consequência de sua história pessoal, assim como perpassa questões sociais de agora e da década de 80 e 90 de forma mais pontual. Os símbolos presentes em seus trabalhos abordam temas sobre sexualidade, suas inspirações produzem obras que possuem relação direta, subjetiva e coletiva com sua homoafetividade e a doença causadora de sua morte, a AIDS. O que o artista visual desenvolveu conta sua trajetória, que se entrelaça com a de outras pessoas, remetem a

profundidades e tramas do ser no mundo e seus (des)afetos. Pensar sua arte é pensar em uma não linearidade temporal, por se fazer atual, os quadros, bordados, esculturas e áudios narram histórias e vivências de preconceito, negação e dor. Leonilson foi um indivíduo crítico sobre o seu tempo e o seu lugar, mostrava de forma artística as tensões existentes em produzir arte, amar garotos, ter medo de repressão e violência e ser portador de uma doença estigmatizadora. **PALAVRAS-CHAVE:** autobiografia; arte; homossexualidade; narrativa; sexualidade.

SEXUALITIES AND NARRATIVE WEARS, A DIVE WITH ARTIST LEONILSON

ABSTRACT: This work bring, from a socio anthropological, historical and political approach narratives present in the work of the artist Leonilson, painter, draftsman and sculptor, who was born in Fortaleza city, state of Ceará, and lived around the world. His autobiographical work cross the times, as a consequence of his personal history, permeating current and the 80's and 90's – in a more specific way – social issues. The present symbols in his work address themes about sexuality, his inspirations produce works that have direct, subjective and collective relationship with his homosexuality and the disease that caused his death: AIDS. What the visual artist developed tells us about

his trajectory and other people's, they intertwine and refer to depths and plots of being in the world and his (dis)affections. Thinking of his art is thinking of a temporal non-linearity, by making itself present, pictures, embroidery, sculptures and audios tell us stories and experiences of prejudice, negation and pain. Leonilson was a critical individual about his time and place, artistically showing the tensions in art production, loving kids, being afraid of repression, violence and being a stigmatizing disease carrier.

KEYWORDS: autobiography; art; homosexuality; narrative; sexuality.

1 | RASTROS E ARTE

A ideia desse artigo surgiu em 2015 em uma disciplina da graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará, intitulada “Narrativas, grafias e trajetórias”, na qual foi proposto, ao final, um trabalho pensando as tramas dos indivíduos, da história e da cidade. O desafio lançado se sucedeu em um processo antropológico de estranhamento, reconhecimento e familiarização constantes, até hoje, sobre obra e vida do cearense José Leonilson Bezerra Dias. Dois anos antes, em 2013, houve a exposição de arte “Leonilson *Inflamável*” no Museu de Arte Contemporânea do Ceará – MAC, em Fortaleza, que precedentemente ajudou a mergulhar nas obras e na vida do artista. Em 2017, outra exposição, no Espaço Cultural Unifor, na Universidade de Fortaleza, denominada “Leonilson: arquivo e memória vivos”, possibilitou dar impulso à elaboração conjunta desse trabalho, que conta não apenas do sujeito que escreve, pinta e desenha, mas de tudo que o toca ao redor.

Esse campo de estudo se encontra nas exposições visitadas, nos vídeos assistidos e, principalmente, nos relatos e nos rastros dos bordados e quadros do autor. “Com o oceano inteiro para nadar”, um curta de 20 minutos, de 1997, produzido para uma exposição, com emaranhados das suas obras de arte e de seus escritos, todos com cunho “autobiográfico” (KOFES, 2004), levando de reencontro a Leonilson, com quem já tínhamos quatro anos antes nos encontrado, através da exposição *Inflamável*, no MAC, que mostrava sua “trajetória” (KOFES, 2004), através de seus bordados, pinturas, quadros, diários, escritos, rastros, linhas e signos.

Pode-se dizer que essa experiência de trabalho foi etnográfica, com participação e observação feitas a partir de exposições visitadas e vídeos assistidos, além de uma oficina que levou a pensar como artista, resultando num caderno criado de modo artesanal que trazia nomes e frases autobiográficas e sem ordem preestabelecida, uma escrita como um rastro (GAGNEBIN, 2006), característica nas formas artísticas de José Leonilson.

2 | “O INFLAMÁVEL”

As obras de Lèo, como o chamavam seus/suas amigos(as), sempre remeteram às profundidades e tramas do ser no mundo. São de um tempo, mas atravessam a temporalidade, por estarem sempre presentes. Ele afirma: “Por ser cearense, eu sou

meio cigano, nômade, andarilho. Desloco-me geograficamente com muita facilidade no Brasil ou em qualquer outro lugar”, frase vista na primeira exposição visitada., que nos leva ao seu encontro e ao mesmo tempo nos desloca. Buscar entendimento das obras do autor não é simplesmente “analisar pegadas, rastros, fezes (animais ou humanas), catarros, córneas, pulsações, campos de neve ou cinzas de cigarro; (...), é analisar escrita ou discursos. A distinção entre natureza (inanimada ou viva) e cultura é fundamental [...]” (GINZBURG, 1989, p. 171). Porém todos os rastros deixados servem para contar algo, a natureza não deixa de caminhar junto à cultura. O que é o artista senão aquele que mistura os elementos, cria a partir de seu meio ambiente.

Fundem-se as imagens mentais idealizadas pelo artista, suas expectativas e conjecturas, fazendo emergir obras que são inundadas de teor histórico, político, poético. A partir de sua forma de viver e de ver as coisas no mundo, em conjunto a interação da sua produção, tecem-se malhas de várias maneiras de se produzir arte, e, portanto, espacialidades, *corpus*, por meio de escritos, bordados, esculturas, imagens que têm a potência de deslocar o espectador de um lugar no tempo e no espaço, com seus antigos e novos enfrentamentos sobre as identidades subalternizadas. Trata-se de movimentar-se dentro da imaginação criadora de Derrida (1995, p. 19), em que o ato artístico provoca “uma ruptura e um caminho no *interior* do mundo (...), pois se trata de uma saída para fora do mundo, em direção a um lugar que nem é um *não-lugar* nem um *outro mundo*, nem uma utopia nem um *álibi*”. Trata-se de uma justaposição de vivências, que suscitam tanto sobrevivência como criatividade, como pressupostos da arte autobiográfica de Leonilson, relacionando vida/arte e gênero.

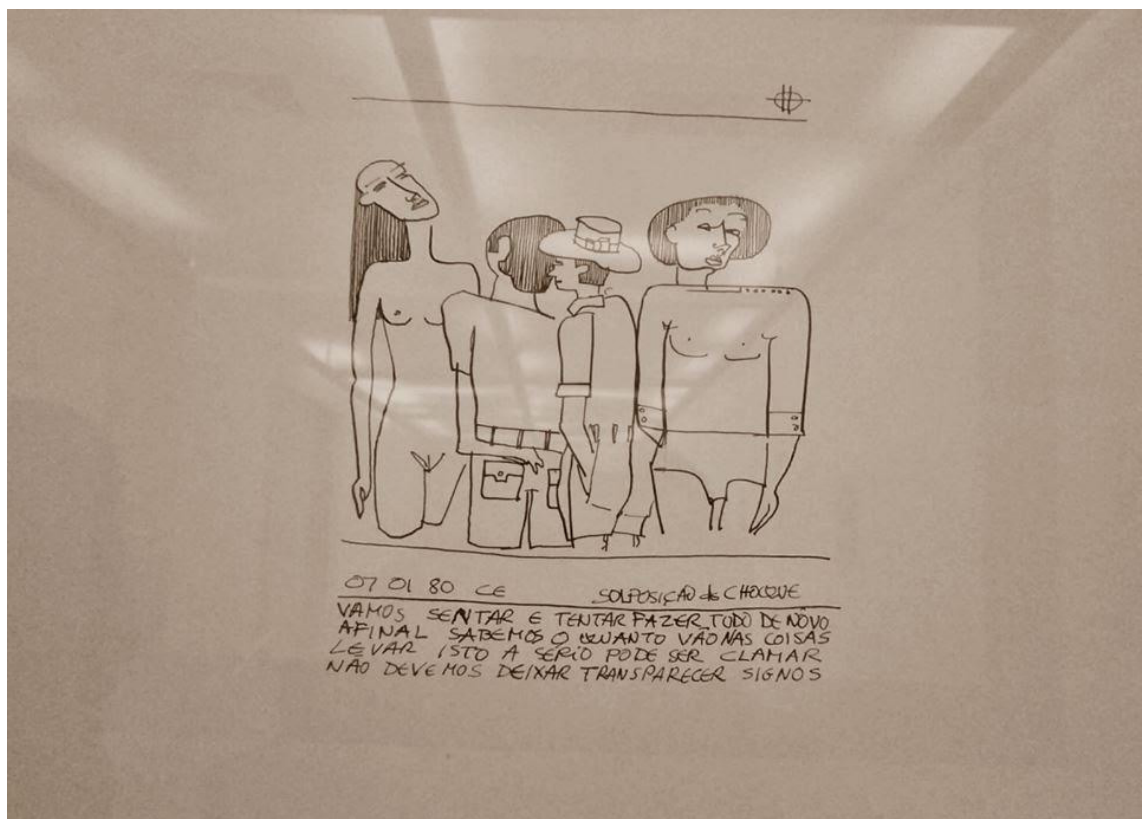


Figura 1: fotografia de obra da exposição “Leonilson Inflamável”.

Na imagem acima, fotografia tirada por Karlene na ocasião da exposição intitulada “Leonilson Inflamável”, de 2013, instalada no MAC, a memória nos remete à época em que o regime político brasileiro era a ditadura militar, em que havia muita repressão política e social. Era 7 de janeiro de 1980, Lèo desenha homens e mulheres (na verdade, indivíduos andróginos) escondendo uma das mãos e escreve: “suposição de choques vamos sentar e tentar fazer tudo de novo afinal sabemos o quanto vão nas coisas! levar isto a sério pode ser clamar Inão devemos deixar transparecer signos.(Lèo)”. É época também em que a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) causada pelo vírus do HIV se torna conhecida e é considerada naquela década como a “peste gay”, estigmatizando as pessoas homossexuais nas décadas seguintes, ainda. A arte de Lèo, assim, nos remete a uma memória, é uma forma de inscrição, de escrita, na qual “(...) a linguagem oral, a escrita se relaciona essencialmente com o fluxo narrativo que constitui nossas histórias, nossas memórias, nossa tradição e nossa identidade” (GAGNEBIN, 2006, p. 111).

Suas palavras, seus bordados e suas pinturas dão conta de marcadores que não podem ser expostos de forma direta. Existe medo da censura - tanto por parte da sociedade como das instituições governamentais - da época, porém elas precisam extravasar, carecem de jorrar, exprimindo com delicadeza sem perder o caráter de denúncia e de intervenção, uma vez que os corpos sócio históricos e políticos se entrelaçam: histórias, jogos sociais, ambientes, coisas, *poiesis*, medos, enfrentamentos, formas de vida inúmeras se atravessam e se afetam reciprocamente e repetidamente, formando um “parlamento de fios”, como os bordados de Lèo, que foram costurados fio a fio, atravessando nossas peles, *incorporando-se* às nossas subjetividades, conforme nos explica Tim Ingold:

Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. (INGOLD, 2007b, p. 5 *apud* INGOLD, 2012, p. 29).

3 | INSCREVE-SE, ESCRIVE-SE E REGISTRA-SE

A biografia (...) pode relevar, inflexões, diferença e, portanto, alteridade. Desta perspectiva, biografia e etnografia compartilham a possibilidade de mostrar a presença de constrangimentos sistêmicos e, simultaneamente, as suas fraturas. Portanto, a insuficiência das explicações sistêmicas. (KOFES, 2004, p. 15-16).

O vídeo intitulado “Com o oceano inteiro para nadar”, de 1997, disponível na plataforma de *internet Youtube*, financiado pela Prefeitura do Rio de Janeiro (um dos

lugares onde o artista morou), é uma trama de narrativas e afetos sobre Lèo, feito de forma a se tornar consideravelmente autobiográfica, uma vez que privilegia sua fala, por meio de uma montagem feita com registros de áudios-diários do artista (gravados entre 1990 e 1993 em fita cassete) articulada com imagens suas e das suas obras, tendo ao fundo a música *Cherish* (composição original de Madonna e Patrick Leonard) regravada pelo cantor brasileiro Renato Russo naquele período. Aqui, assinalamos as várias vidas que foram ceifadas por conta da AIDS, que foi o caso dos dois, Lèo e Renato, e de tantos outros naquelas décadas, entre 1980 e 1990, momento em que ser gay era sinônimo de praga e doença, bem mais que hoje em dia. Segundo Jeffrey Weeks (2001, p. 37), a AIDS no imaginário social da década de 1980 era colocada como um efeito do excesso sexual e o vírus era uma vingança da natureza contra aqueles que transgrediram os corpos e seus “limites”, e esse estigma existiu na década de 1990, mesmo sendo descobertas as formas de transmissão do vírus.

Em Leonilson, a relação com o seu trabalho é puramente afetiva, é um ponto de escape e de encontro, é onde ele se sente bem, pode se colocar e ser esse homem livre e puro do qual ele fala, deixando seus rastros, sua marca, mostrando seu coração, como ele diz: “Sou Eu”.

Eu queria juntar palavras e fazer frases. As palavras que eu junto nos trabalhos, elas são palavras amorosas. Eu escrevo pra dedicar pra eles, pros caras que eu amo e nunca vou deixar de amar.

(...) Toda vez que eu escrevo frases apaixonadas, eu quero escrever um livro (...) essa escrita ia ser uma autobiografia (...) parece que só existe eu, mas eu me preocupo bastante com as pessoas. Eu acho que quando eu tento fazer alguma coisa, quando eu faço um desenho, quando eu faço uma pintura, eu quero passar um pouco dessa minha curiosidade sobre o mundo pras pessoas, para que elas sejam mais curiosas.

(...) Eu me sinto mesmo é atraído por uns caras, eu fico louco por eles, eu só não faço o que eu tenho vontade, porque eu tenho medo, sabe...ser gay hoje em dia é a mesma coisa que ser judeu na segunda guerra mundial, o próximo pode ser você, a praga tá aí, pronta pra te pegar (...). (LEONILSON, [entre 1990 e 1993], *apud* COM, 1997).

Esse medo de Lèo aos 33 anos, na verdade, o deixa cheio de vida, e ele diz em um dos seus áudios da década de 1990: “homem peixe, sabe, homem peixe com um oceano inteirinho pronto para eu nadar” (LEONILSON, 1990, *apud* COM, 1997). E cita a música que está sendo tocada enquanto fala, da Madonna, conta que foi de lá que tirou essa ideia de homem peixe, com o oceano inteiro para nadar, um “citacionismo”, como ele se refere a esse fazer autobiográfico. O homem peixe poderia funcionar como a identidade unificada, pois aglomera e se reorganiza em como se vê, como se sente e como passa pelo mundo, fazendo de si mesmo uma experiência, um corpo não humano, já que o corpo humano que era reservado para si, que era esperado para si, um corpo heteronormativo, não o cabia.

Em suas obras, demonstra e realiza a necessidade de transbordar-se em novo corpo, como em um surrealismo aplicado a certa estética da corporeidade. Ao estilo

do que aponta James Clifford (1998, p. 133), em que se “valoriza fragmentos, coleções curiosas, inesperadas justaposições - que funciona para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base nos domínios do erótico, do exótico e do inconsciente”, Lèo coleciona pedaços de si mesmo e de outros com quem compartilhou a experiência da vida, justapondo elementos que fora encontrando por suas passagens nos diversos espaços por onde nadou.

Sexta-feira, 1º de março de 1991, seu aniversário de 34 anos, ele faz o trabalho “Saído de mim”. O homem peixe prossegue se articulando e promovendo sua arte crítica, segue tecendo seu corpo peixe que não é fogado pelas agendas comercialistas da arte contemporânea da época. Nesse sentido, reitera-se que “a política é feita com palavras, imagens, maneiras de ocupar os espaços, com escansões do tempo. É uma maneira de criar algo como uma cena comum ou um mundo comum” (RANCIÈRE, 2005 *apud* ‘NÃO HÁ MAIS ACORDO...’, 2017). Nessa obra, Lèo conta o sonho que teve à noite e cantarola uma música, mostra sua felicidade em conseguir fazer um desenho, o seu trabalho, e sua frustração com o mercado da arte:

é cada dia mais difícil de veicular esse trabalho, eu odeio fazer lobby, eu odeio cheiro de colônia, eu odeio o mercado de arte, das galerias, tudo (...) é tão horrível lidar com isso, eu sei o que eu quero, mas eu sei que não quero lidar com essas pessoas (...) eu quero é fazer meus trabalhos em paz mesmo(...) o que adianta você ficar famoso e seu trabalho ser uma merda(...) Eu quero que meus trabalhos me levem a mim (...) eu não posso fazer trabalhos fáceis se minha vida é difícil (...). (LEONILSON, 1991, *apud* COM, 1997).

Nos áudios, Lèo fala de uma guerra que começou, provavelmente tenha sido a do tratamento que começara a fazer por causa da doença. “(...) a maneira pela qual as crises pessoais de um indivíduo complexo refletem as tensões de uma época, e como as soluções pessoais do conflito fazem eco, se apropriam ou se impregnam às transformações da cultura” (PRIORE, 2009, p. 11). Leonilson é indivíduo crítico de sua época e do contexto do mundo de trabalho em que vivia, mostrava suas tensões em produzir e criar arte de forma apaixonada, mas havia a dificuldade em lidar com o mercado artístico no período em que estava doente, como também com a homofobia, que o levava a ter cuidado de expor seus amantes ou seus namorados, pelo medo de repressão já presente, o medo da violência e da doença, o temor de sofrer e que sofrera. Sua performatividade de gênero, apesar de diferir da norma heteronormativa, acaba por reiterar a existência prévia dessa norma, na medida em que se opõe até certo ponto a ela, sem que seja possível destruí-la.

Dada a incessante reafirmação dos padrões de gênero e de orientação sexual dispostos no domínio do social, quais sejam, coercitivos e violentos, Judith Butler (2001, p. 170) afirma que “embora esse constrangimento constitutivo não impeça a possibilidade da agência, ele localiza, sim, a agência como uma prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder”. Sendo assim, o que há em Leonilson é, a priori, uma negociação entre

a materialidade do corpo e da sexualidade, entendendo seu caráter impositivo, aliando-o com uma maneira de contrariar a hegemonia dessa agência a partir do rearranjo praticado em corpo “desmaterializado”, uma vez que não se adequa às regras previamente internalizadas por meio da socialização institucionalizante, ainda mais reafirmando sua existência nesse processo, como também seu direito a ser desmaterializado e não comportado nesse “paradoxo da subjetivação” (BUTLER, 2001, p. 170). Assim, Lèo segue amiúde recompondo-se na forma desencaixada de homem peixe, que escorregadio prossegue sempre em ânsia de andar, de viajar, de ser cigano e de dedicar seus trabalhos para alguém, senão a vida não tem sentido, em uma “viagem entre identidades diversas e a possibilidade de visitar a intimidade dos outros” (COUTO, 2011, p. 24), a sua própria intimidade nos outros.

4 | FICÇÃO, VERDADE E TRAUMAS

Lèo nasceu em 1957 e morreu em 1993, poucos anos depois de ter se descoberto soropositivo. Suas obras mostram essas mudanças em sua jornada, se nos anos 80, conseguimos enxergar referências àquele período de repressão, na década de 90, percebemos maior dedicação aos sentimentos e aos conflitos internos da sua própria vida, que já era reflexo de seus percursos e de sua relação com a doença que o lembrava constantemente da efemeridade da vida.

O narrador, artista plástico e visual Leonilson transgredir em suas criações de variadas formas. Quando pensamos, por exemplo, na ideia do bordado: ele o insere em telas de pano com palavras e desenhos nada simétricos. Algo que é tão seu pelo reconhecimento de seu regionalismo, de ter aprendido bordado e costura com a mãe e com a irmã mais velha, de ter mobilizado nas suas obras um fazer tão característico do lugar onde nasceu, e ao mesmo tempo algo que não lhe é comum socialmente, no sentido que culturalmente o bordado era e ainda é enxergado como um ofício feminino e de avós. Nesse transgredir do bordado artístico, que é legitimado pelas galerias de arte, Lèo fortalece uma memória que estava e está se perdendo, além de questionar um modelo de masculinidade vigente, rearticulando-a em masculinidades plurais.

Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTIÈRES, 1998, p. 3).

Lèo usa de imagens de arte para se autobiografar. Para pôr seu coração à exposição do mundo. Se a literatura é ficção do real, todo tipo de arte também o é, na medida em que possa ser essencialmente interpretações do mundo. A produção de uma verdade já não existe mais. E nem foi a isso que se propôs Leonilson, notadamente a uma aproximação da vida pela arte e da arte como forma de vida, uma espécie de metalinguagem de seus próprios consciente e inconsciente, à procura de mergulhos

cada vez mais profundos, fazendo jorrar um embaralhamento de feituradas e tessituras, que podemos identificar como uma maneira de *iconoclash*, sabendo-se que

Iconoclasmo é quando sabemos o que está acontecendo no ato de quebrar e quais são as motivações para o que se apresenta como um claro projeto de destruição; *iconoclash*, por outro lado, é quando não se sabe, quando se hesita, quando se é perturbado por uma ação para a qual não há maneira de saber, sem uma investigação maior, se é destrutiva ou construtiva. (LATOUR, 2008, p. 112-13).

Já que não se propõe a disputar nem produzir exatidão, mas inundar e provocar sensações ambíguas, que de forma poética subvertem as normas sociais, delatam preconceitos, visibilizam performances de gênero para além dos marcadores heteronormativos, enfim, possibilitam a corporeidade de um homem peixe que transita, habitante do mundo.

Nesse sentido, este trabalho é um ponto cruz de significados, um bordado entre a arte de Lèo e nossas interpretações sobre ela, cruzadas de maneira rápida com a textura adicional que a antropologia nos fornece nesse caminho. Ao nos propormos fazer tal exercício, precisamos dar um mergulho não muito raso nesse oceano de Lèo. Experimentamos virar mulheres peixe e nadar, num mar de afetos, em outro tempo e em outras memórias que não as nossas, e também transitar por esse universo, elaborando percepções socioantropológicas, bem como produzindo possibilidades de compreensão do outro a partir dessa experiência.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRIES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Cap. 6. p. 151-172.

CLIFFORD, James. Sobre o surrealismo etnográfico. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COM o oceano inteiro para nadar. Direção de Karen Harley. [S. l.]: Mix Nyc: Lesbian And Gay Experimental Film And Video Festival, 1997. (20 min.), color. Biographical portrait of the Brazilian artist Leonilson before he died of AIDS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0cbQcSMXKOc>>. Acesso em: 01 maio 2013.

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: **E se Obama fosse africano? E outras interinvenções**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Debates). Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 18, n. 37, p.25-44, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002>.

KOFES, Suely. Os papéis de Aspern: anotações para um debate. Histórias de vida, biografias e trajetórias. **Cadernos do IFCH**, v. 31, p. 5-16, 2004.

LATOUR, Bruno. O que é *iconoclash*? Ou, há um mundo além das guerras de imagem? *In: Horizontes Antropológicos*, Ano 14, n. 29, 2008.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CEARÁ. **Leonilson Inflamável.** Fortaleza: [s. n.], 11 de junho a 09 de setembro de 2013, Museu de Arte Contemporânea do Ceará, 2013.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

PROJETO LEONILSON. **Leonilson: arquivo e memória vivos.** Fortaleza: [s.n.], 14 de março a 09 de julho de 2017, Espaço Cultural Unifor, 2017.

NÃO há mais acordo entre arte e espectadores', afirma Jacques Rancière. **O Estadão**, São Paulo, 11 mar. 2017. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,nao-ha-mais-acordo-entre-arte-e-espectadores-afirma-jacques-ranciere,70001693710>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Cap. 2. p. 35-82.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro- Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX” - <https://www.fclar.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/estudos-da-sexualidade/apresentacao>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 83, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194

Autobiografia 186, 190, 192

B

Bio-Tanatopolítica 152, 157

C

Câmara dos Deputados 89, 94, 112, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 177

Cidadania 16, 22, 23, 24, 25, 46, 47, 63, 92, 132, 133, 135, 138, 145, 158

Cultura 4, 18, 20, 21, 22, 25, 29, 51, 53, 54, 55, 59, 60, 65, 68, 70, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 95, 98, 100, 101, 102, 104, 106, 108, 109, 110, 117, 137, 148, 153, 160, 170, 171, 188, 191, 195

D

Direito à cidade 129, 130, 132, 135, 136, 137, 138

E

Educação 7, 9, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 38, 42, 43, 44, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 73, 77, 82, 95, 97, 98, 99, 111, 127, 131, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 185, 195

Educação Especial 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150

F

Fé 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 184

Feminismo 67, 68, 77, 79, 85, 99, 169, 172, 184

G

Gênero 1, 4, 6, 8, 9, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 52, 53, 54, 60, 61, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 91, 97, 98, 99, 116, 130, 136, 137, 138, 139, 147, 153, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 191, 193

Georg Simmel 67, 68

H

História 3, 4, 12, 14, 28, 35, 36, 37, 47, 56, 64, 66, 71, 77, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 100, 101, 104, 105, 110, 111, 117, 133, 138, 157, 158, 162, 171, 174, 175, 182, 184, 186, 187, 194, 195

HIV/Aids 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36

Homossexualidade 161, 162, 169, 186

I

Inclusão 13, 30, 63, 65, 93, 117, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 149, 150, 154, 157, 159, 165, 169, 181

Invisibilidade 1, 35, 83, 138

J

Judith Butler 67, 68, 191

L

Literatura pós-colonial 79, 84

Lutas feministas 129, 133

M

Mães 79, 80, 82, 83, 86, 88

Masculinidade hegemônica 20, 67, 70, 73, 75, 76

Morro da Conceição 100, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

Movimentos Sociais 98, 132, 137, 138, 152, 165, 175, 183, 185

Mulher 1, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 22, 25, 32, 33, 51, 52, 66, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 91, 92, 93, 95, 97, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 160, 162, 163, 164, 170, 171, 172, 174, 179

Mulheres na cidade 129, 130, 133, 135

N

Narrativa 163, 173, 186

Necropolítica 152

P

Poder Legislativo 112, 127

Prisão 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 41, 42, 43, 113, 163

R

Representação política 90, 93, 94, 97, 99, 112, 116, 128, 185

Representação política de minorias 112

S

Sala de Recursos 140, 146, 150

Sexualidade 22, 35, 36, 37, 77, 157, 160, 167, 169, 171, 172, 174, 176, 180, 183, 186, 192, 193, 194, 195

Sorodiferença 28, 29, 31, 32

T

Teoria Queer 67, 68, 71

Territorialização Perversa 38

Trânsito 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26

Transvestigeneres 152, 169, 172, 176, 179, 181

U

Uso de Drogas 38, 39

V

Violência 1, 7, 10, 11, 15, 22, 23, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 52, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 87, 97, 134, 135, 137, 139, 153, 159, 163, 166, 186, 191

Violência de gênero(s) 52, 67, 68, 69, 73, 75

 **Atena**
Editora

2 0 2 0